

Do Tarô Europeu Medieval ao Tarô no Brasil Contemporâneo: Simbologia e Espiritualidade Através da Evolução Imagética¹

Kelma Amabile Mazziero de SOUZA²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a função da linguagem visual do Tarô e seu desenvolvimento desde a Europa medieval até o Brasil contemporâneo, usando da hermenêutica simbólica, com ênfase ao estudo de Pierre Bourdieu e Nei Naiff, além de autores relevantes que complementam o pensar simbólico. Tem por finalidade esclarecer a evolução e o papel das imagens e símbolos do Tarô através das artes, da religião e na espiritualidade. As lâminas, provenientes do século XIV, retratam a vida e sociedade europeia da época, com referências religiosas, culturais e comportamentais, permitindo que ao longo de sete séculos essas imagens tenham sido ilustradas de maneiras distintas ainda que a mensagem simbólica tenha se mantido intacta. Apesar de ter sido uma prática lúdica quando do seu surgimento, o Tarô passou a representar a jornada do homem na busca por si mesmo, chegando aos tempos atuais como um estudo de imagens arquetípicas que permite utilizações diversas. A comunicação visual se estabeleceu transcendendo a região de onde surgiram as lâminas ou a época à qual se referiam, de maneira empática, como um espelho que reflete a verdade para aquele que a procura. Nas imagens do Tarô é possível identificar chaves de análise, com as quais o homem atravessa etapas de sua vida. Ao interpretar essas imagens surgem as associações para desvendar situações e entender a jornada pessoal. Portanto, o Tarô, através de suas ilustrações carregadas de simbologia abarca uma representação do indivíduo no contexto pessoal, social e espiritual ao longo dos séculos, sendo utilizado na esfera artística, cultural, espiritualista alcançando o mundo contemporâneo como um verdadeiro representante da linguagem simbólica.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Tarô; linguagem imagética; simbologia; espiritualidade.

¹ Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em Engenheiro Coelho, SP, 18/08/2016

² Graduada em Direito pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e pós-graduada em Ciências da Religião pelo Centro Universitário Campos de Andrade (Uniandrade): kelmamazziero@gmail.com

1. Introdução

Com registros que datam aproximadamente do século XIV, na região norte da Itália, o Tarô surgiu como prática artística e lúdica entre os nobres da época. Confeccionado por artesãos, sem uma numeração definida nas lâminas, mas com riqueza de cores, detalhes e símbolos, continha imagens que identificavam o período e também os aspectos sociais. Esse conjunto de lâminas era denominado Trunfos (*Trionfi*, em italiano, como designação a algo que se sobrepõe aos demais). Sem ligação simbólica com o baralho comum, os Trunfos eram ao mesmo tempo manifestação artística e distração lúdica para famílias italianas abastadas (ver Figura 1).

Os “sistemas simbólicos”, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a “concordância entre as inteligências” (BOURDIEU, 2010, p. 09).

Feitos à mão por artesãos e sob encomenda, os Trunfos lembravam iluminuras, tinham alto custo e eram adquiridos como bens materiais para as famílias influentes. Na produção do seriado canadense-húngaro-irlandês *The Borgias* (de Neil Jordan, 2011), em sua primeira temporada, consta uma cena onde familiares do Papa Alexandre VI, Roderico Borgia, jogavam os Trunfos em sua casa durante uma tarde de distração, como símbolo de poder aquisitivo e influência. Os Trunfos faziam parte do cotidiano europeu e esse termo foi adaptado com o passar do tempo até chegar ao que hoje é conhecido como Tarô, variando a escrita conforme a língua e o país em questão (Tarot na França e Estados Unidos, Tarocchi na Itália, por exemplo). Atualmente o número de cartas e a interdependência simbólica seguem um padrão, porém, não foi assim de seu surgimento sendo necessários séculos para que adquirisse todos os elementos estruturais em seu conteúdo imagético rico e expressivo.

A origem da palavra Tarô deriva do Tarot, que por sua vez foi derivado do italiano *Tarocchi*, proveniente das palavras *Tarocco* e *Tarocchino* (como eram designados no século XVI, e atualmente ainda o são, em algumas regiões da Itália). Com o advento da imprensa, da impressão e das constantes navegações exploratórias, as lâminas ficaram mais populares e se espalharam em outros países. Ricamente ilustradas, as cartas não continham linguagem escrita. Numa época onde a prática da escrita e leitura se encontrava limitada na região (consequência de um longo período na Idade Média com povos ágrafos e pouco acesso ao estudo do latim) a representação pictórica se tornou uma maneira efetiva de transmitir mensagens estimulando a cognição. A especulação sobre uma função *divinatória* nas cartas se deu com o passar do tempo, a partir do século XVI e se consolidou no século XIX (ver Figura 2). A literatura a respeito do Tarô *adivinhatório*, portanto, surgiu posteriormente ao seu uso lúdico.

O desenvolvimento da impressão em papel também facilitou a confecção de novos Tarôs e variedades de ilustrações em diferentes regiões da Europa, mudando as cores e possibilidades a partir do século XIX, quando os processos gráficos foram aprimorados. Atualmente, a cada ano, dezenas de Tarôs são produzidas ao redor do mundo, com temáticas e propostas distintas, ainda que na maior parte das vezes a sua estrutura continue intacta quanto ao número de cartas (setenta e oito) e sua cadeia simbólica. É possível atestar o uso do Tarô na Europa através dos registros e cartas disponíveis em museus europeus (como o Museo Fournier de Naipes, Museo Correr, Museu Nacional Suíço de Zurique, Castello Sforzesco, Biblioteca Nacional da França em Paris, dentre outros) e em obras de arte, como por exemplo, a obra de Francisco de Goya, pintor espanhol do século XVIII que pintou *La familia Del infante Don Luis* onde retrata a família toda ao redor de uma mesa onde se encontra uma única vela sustentada por um pequeno castiçal e um baralho de Tarô, novamente representando poder aquisitivo e influência da família (ver figura 3).

Atualmente o Tarô se desdobra em finalidades distintas, como se atesta na França, em campeonatos de jogos lúdicos com as cartas realizados pela Federação Francesa de Tarot (*Federation Francaise de Tarot*) ou na Itália onde ainda se joga o *Tarocchino*. Em Nova Iorque são representadas peças teatrais baseadas nas imagens do Tarô (*Teatro Opera Nouveau, Tarot Show*, agosto/2015) além da já conhecida prática analítica e oracular em consultórios, espaços holísticos ou locais religiosos, na intenção de associar o momento vivido pelo indivíduo através da leitura da imagem contida na lâmina selecionada.

Se não partirmos da premissa básica, que é o reconhecimento de seu verdadeiro passado, não será possível ter certeza do que temos nas mãos, tampouco a convicção do que poderemos fazer com as fantásticas imagens do tarô (NAIFF, 2012, p. 391).

No Brasil o Tarô chegou no século XX, aproximadamente em 1920, porém, ficou conhecido do público a partir de uma publicação da *Revista Planeta* da década de 70 já com temática esotérica, ausente de referências culturais para os brasileiros. Hoje em dia a facilidade de acesso aos baralhos, conhecidos como *decks*, através da internet ampliou o estudo e também o entendimento das referências simbólicas neles contidas. A análise se expandiu com a ampliação de acesso às informações sobre o Tarô, uma vez que as ilustrações e expressões visuais adaptadas a histórias e tempos diferentes permitiram um diálogo ainda maior com a realidade atual contemporânea (ver Figura 4).

2. A Imagem como expressão da jornada pessoal

A partir de sua evolução cronológica é possível constatar que no mundo contemporâneo o Tarô se tornou um instrumento simbolicamente ilustrado com finalidades culturais, lúdicas e/ou espirituais representadas em suas setenta e oito lâminas formando sua estrutura; estrutura essa que se subdivide em dois grupos: arcanos maiores (22 cartas) e arcanos menores (56 cartas). A designação para arcano deriva do latim *arcanum*, significando segredo ou mistério, apresentando assim os arcanos maiores (mistérios maiores) e arcanos menores (mistérios menores) em 78 ilustrações.

Dentre alguns dos arcanos maiores é possível encontrar referências ricas no que se refere à época, cultura, religiosidade. Indo para além da mera tradução simbólica no intuito de associar cronologia e comunicação imagética, a título de exemplo, a ilustração da lâmina III, a Imperatriz, carrega simbologia que remete à imagem de uma mulher nobre, com símbolos de poder (trono, cetro, escudo) analisada no contexto da mãe, esposa ou mulher que cria, gera e reproduz. Segundo José Leonardo Nascimento, em seu curso sobre História da Arte (UNESP/TVCULTURA) a imagem ilustrada da Imperatriz era considerada na Idade Média, a da própria Virgem Maria, sendo ela denominada Imperatriz e seu filho, Jesus Cristo, denominado Imperador. As semelhanças e referências simbólicas se ampliam em culturas e épocas distintas, o que permite uma intersecção de sentidos. Assim como na lâmina V, o Sacerdote (ou Papa) é possível constatar elementos e símbolos que vão além do retrato de um pontífice, mas também se assemelham às imagens sacras, representantes dos santos, da Europa medieval (ver Figuras 5 e 6). As lâminas do Tarô permitem análise de conteúdo imagético ampliando correlações, associações e transferência na tradução de expressões ou linguagens.

O Tarô agrega padrões e imagens arquetípicas de muitas civilizações, filosofias de várias épocas; seus símbolos evoluíram ao longo dos séculos até chegar à estrutura que conhecemos dos Tarôs marseheses – 78 arcanos -, mas ainda está em evolução alegórica, dificilmente em seu arcabouço. Seus símbolos sintomáticos e sua estrutura se reportam ao comportamento humano e à respectiva evolução. Podem-se transferir suas concepções arquetípicas a qualquer mitologia, história, civilização, romance, credo ou situação pessoal. O estudo do Tarô é um veículo para o autoconhecimento, e o jogo oracular é uma orientação para o livre-arbítrio. (NAIFF, 2012, p. 384).

Com origem em plena transição histórica da Idade Média para o Renascimento, onde nas regiões italianas a religião dominante era o cristianismo, o Tarô assimilou elementos cristãos que reforçavam sua nacionalidade e também sua época. Tanto a

lâmina V, conhecida como o Sacerdote, faz clara referência à autoridade papal carregando toda sua simbologia (a mitra, o báculo, a casula) além de se assemelhar com imagens sacralizadas de figuras canonizadas na época (descrito anteriormente); como a lâmina IX, o Eremita, se refere diretamente aos monges do século V d.C., quando da divisão dos movimentos cristãos em cristianização dos bárbaros (popularização religiosa de foco centrífugo) e, simultaneamente, o movimento recluso do monasticismo (o movimento de foco centrípeto). Na lâmina do Eremita a representação simbólica é o monge, conhecido também à época como eremita, que vivia recluso em simplicidade, trabalho e arte monástica em típicas vestes (semelhante ao hábito franciscano). Ambas as figuras, o Sacerdote e o Eremita, eram figuras espirituais fortes nesse tempo e nessa região com apelo religioso e simbologia facilmente reconhecida pelo observador.

A cristianização de Roma na Idade Média e o domínio da igreja com o passar dos séculos impulsionou a arte cristã resgatando também a arte clássica grega, contudo, com elementos sagrados e espirituais como forma de cristianizar os povos ágrafos e analfabetos. Não cultuavam as imagens em si, mas cristianizavam através dessas imagens, fugindo da arte retratista romanas e assumindo ares clássicos que representassem sacralidade e espiritualidade, uma vez que não era possível retratar o irretratável (o espírito).

Da mesma maneira que um símbolo expressa mensagens semelhantes em tempos diferentes é possível buscar na linguagem visual as diversas interpretações para momentos e situações variadas. Isso se dá porque, segundo Nei Naiff, dentre muitas funções, o símbolo permite adaptação e migração, bem como, tem significado associativo, representador e semasiológico (2012, p. 70). Através da adaptação e da representação se dá a identificação que supera a linguagem escrita ou transmitida de maneira dogmática. A linguagem visual amplia, a linguagem dogmática pode restringir. O tempo afeta a segunda, mas não a primeira. Dessa forma a imagem atravessa o tempo, podendo até mudar sua forma de expressão artística, mas mantendo sua mensagem e

capacidade de comunicar através do símbolo. Porque se adapta, porque amalgama e agrega. A imagem abarca e transmite uma ideia sem perder seu conteúdo intrínseco.

Ainda que no Brasil a literatura voltada ao Tarô tenha começado a crescer apenas nos anos 90, em outros países esse tema foi bastante ampliado e enriquecido, permitindo que hoje existam tipos de Tarôs que expressem estilos definidos, tais como: Tarôs Clássicos (todos os que mantêm a simbologia clássica e tradicional); Tarôs Modernos (os que apresentam imagens modernizadas com ilustrações nos arcanos menores); Tarôs *Transculturais* (aqueles que contam histórias ou descrevem mitologias através de suas ilustrações) e Tarôs Surrealistas (aqueles com traços livres e simbologia alterada ou adaptada segundo a visão do artista). Ultrapassando a tradição inicial lúdica e criando uma simbologia que permita ser representado em tempos, culturas, mitologias ou ilustrações totalmente distintas, o Tarô permite em sua estrutura fixa e interdependência nas lâminas a expressão das mensagens simbólicas que aproximam o indivíduo de suas perguntas ou de suas próprias respostas. Expande, com isso, a função inicial lúdica para se transformar em um veículo de conhecimento e aprofundamento. Reflete, portanto, degraus, momentos, idéias, estados e situações pertinentes ao homem, pois pelo homem foi criado e para o homem é constantemente ampliado, estudado, pesquisado.

A obra deve comunicar qualquer coisa, um sentido transcendente ao jogo puro das formas e das cores que têm em si mesmas o seu significado, e deve dizê-lo claramente: a invenção expressiva orienta-se para a procura dos gestos mais significativos, apropriados à valorização dos sentimentos das personagens e para a produção dos efeitos que melhor podem prender o olhar.” (BOURDIEU, 2010, p. 266)

Os temas que atravessam gerações, séculos, culturas e histórias se referem ao homem e sua luta socrática em busca de si mesmo. Seja na travessia em direção ao desconhecido ou na mera batalha diária da compreensão de seus dilemas, um indivíduo se depara com sua jornada quando entende que seu maior inimigo está dentro de si. A

obra de William Shakespeare vive até hoje como referência de comportamentos e dilemas do homem, ainda que tenha sido escrita na Inglaterra do século XVI. Isso acontece porque os vícios, as virtudes e os conflitos que circundam a vida do homem não mudam em essência. No Tarô suas lâminas simbolizadas instigam o pensar a respeito do medo, da indecisão, da lealdade, da traição, da liberdade, da morte, da vida, da evolução. Independente da ilustração e do tempo em que a mesma tenha sido criada, vícios e virtudes estão ali representados, comprovando as metáforas para as questões espirituais e morais que amedrontam, aprisionam ou instigam o homem. A concepção de um novo Tarô a cada dia não retira a familiaridade que suas imagens promovem em quem as observa. Durkheim afirma, segundo Pierre Bordieu: “O inconsciente é a história” (2010, p. 284).

Dessa maneira, a imagem comunica, não necessariamente informa. E, com isso, permite a travessia do tempo expressa em símbolos que migram, mas não mudam a essência da mensagem e da própria metáfora. Dominique Wolton escreve que: “A revolução do século XXI não é a da informação, mas a da comunicação. Não é a da mensagem, mas da relação” (2010, p.15). Nesse contexto, manter a mensagem pictórica, que permite a privacidade da interpretação individual, mantendo sua riqueza simbólica para que o observador possa encontrar ali a devida familiaridade e traduzir para sua própria realidade é uma maneira efetiva de continuar trabalhando e elaborando os mesmos problemas através de uma linguagem em constante evolução. Toda essa riqueza simbólica capaz de migrar e se adaptar só é possível de ser transmitida porque se trata de conteúdo imagético, não dogmático.

3. Considerações Finais

O Tarô abarca em sua simbologia uma linguagem que permite a conexão do homem com sua busca interior, conseqüentemente, consigo mesmo. Surgiu há séculos atrás, numa região específica e com finalidade também específica, mas por carregar consigo linguagem visual, sentido e história correlata ao homem – afinal, foi feito pelo

homem – transcenderam seu tempo e suas utilizações. Atualmente é utilizado nas artes (cênicas, pinturas, literatura), na prática lúdica (presente na Europa), em práticas religiosas (casas e templos de umbanda ou candomblé) e na análise arquetípica. Ainda que o Brasil tenha um forte apelo *adivinhatório* para suas lâminas, já existe hoje no país estudos, literatura e propostas que questionam e expandem sua finalidade para além do misticismo ou da superstição.

O poder simbólico é esse poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. Poder quase mágico, que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. (BORDIEU, 2010, p. 298).

A própria evolução do conhecimento requer a existência e, por conseguinte, a superação dos conflitos originados a partir de protocolos ou dogmatização. Ou seja, para que o Tarô no Brasil seja aceito e atestado como instrumento de autoconhecimento e também inspiração artística, é importante que adentre a sociedade e que esteja disponível ao público a fim de ultrapassar a significação mística e a representação esotérica, reabsorvendo e expressando seus valores culturais. Dominique Wolton escreve que: “A comunicação, na maior parte do tempo, não consiste em compartilhar pontos de vista comuns entre indivíduos livres e iguais, mas em organizar a convivência entre visões de mundo frequentemente contraditórias” (2010, p.31). O questionamento e o conflito fazem parte da busca por veracidade e efetividade da ferramenta em questão. Uma vez que as imagens expressam e migram é preciso que se amplie também a interpretação e tradução dessas imagens, bem como se enriqueça suas finalidades.

Portanto, o Tarô não apenas evoluiu com o passar do tempo, mas ainda permite material imagético suficiente, que continuará atravessando os tempos, carregando raízes europeias e elementos religiosos, mas que podem ser absorvidos em sua representação e não em seu pragmatismo. Isso se dá porque trata de linguagem simbólica, visual e pictórica, permitindo uma experiência fenomenológica. Monica G. Hortegas escreve

que: “É pelo resgate dos símbolos que é possível ter acesso ao conteúdo do inconsciente e como consequência, ter um sentido de vida, um conhecimento maior de si mesmo” (2015, p.49)

Uma vez que a verdade primordial não é a referência histórica desses símbolos, e sim a sua referência espiritual, o fato de as provas históricas refutarem tais mitos no âmbito da realidade objetiva não deve nos privar dos símbolos. Estes vêm da psique; falam do espírito e para o espírito (CAMPBELL, 2008, p. 51).

Com pesquisa baseada em sua origem histórica e acompanhamento do desenvolvimento do uso do Tarô é possível concluir que sua origem simbólica não restringiu mas expandiu, não delimitou mas alargou, não esmoreceu mas fortaleceu as funções e utilidades das lâminas sem determinar um prazo de expiração. Isso se dá pelo brilhantismo na representação de cada lâmina, pelo cunho antropocêntrico sem desmerecimento do sobrenatural, permitindo que a imagem comunique sem impor qualquer mensagem. O Tarô é instrumento de estudo e aprendizado constante, como escreve Nei Naiff: “O tarô caminha como o arcano o Louco, à procura de si mesmo” (2012, p.351).

A comunicação se dá religiosa, inconsciente ou espiritualmente através das ilustrações, independente do tempo em que foram confeccionadas, falando diretamente às questões inerentes ao homem e sua busca existencial. Assim como os mitos, as imagens arquetípicas remetem à identificação de etapas, padrões comportamentais ou percepções da vida que simbolizam a jornada pessoal e dão sentido a esse existir.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CAMPBELL, Joseph. **Mito e Transformação**, São Paulo: Ágora, 2008.

HORTEGAS, Monica G. **A construção do si-mesmo da hermenêutica simbólica de Carl Gustav Jung e na poesia de Adélia Prado**, Revista Último Andar/PUC, 2015.

NAIFF, Nei. **Tarô**, simbologia e ocultismo, Rio de Janeiro: Nova Era. 2012.

THE BORGHIAS. Criação, produção e direção: Neil Jordan. Canadá-Irlanda-Hungria: Canal Bravo! CTV, Showtime, Sky Atlantic. 2011 (55 minutos/episódio).

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**, Porto Alegre: Sulina, 2011.

Algumas vídeo aulas interessantes e esclarecedoras a respeito da história romana e do desenvolvimento artístico-religioso merecem destaque. História da Arte, Univesp TV, disponível em <http://univesptv.cmais.com.br/historia-da-arte-ii> (Acesso em 11/05/2016).

_____ Tarocchino Bolognese, site com material sobre a prática do Tarocchino na Itália, disponível em <http://www.tarocchinobolognese.it/ilgiocogiocato.php> (Acesso em 11/05/2016).

_____ Federation Francaise de Tarot, site sobre campeonatos de Tarot na França, disponível em <http://fftarot.fr/> (Acesso em 11/05/2016).

_____ Tarot Show, National Theater of Opera Nouveau, New York. Site com informações sobre apresentações relacionadas à simbologia das lâminas, disponível em: <http://operanouveau.com/tarot-show.html> (Acesso em 11/05/2016).

Anexo

Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6

